

O objetivo deste artigo é aumentar o embasamento teórico já consolidado da Paleografia Digital (Ciula, 2005), oferecendo uma proposta com utilização de programas computacionais de edição de imagens. A exemplo de trabalhos como os de Palma et al. (2010) e Havens (2014), aqui, busca-se decifrar fragmentos textuais que estão sob rasuras.

O material utilizado como exemplo é um datiloscrito da obra *Seminário dos Ratos*, de Lygia Fagundes Telles (1977), em que a autora faz diversas interferências, detalhado mais adiante.

Pode-se dizer que a utilização de recursos tecnológicos nos estudos da Paleografia não é de hoje, se considerarmos as técnicas, para a época, avançadas, de impressão que Jean Mabillon (1704) aplicou em sua obra fundamental, *Librorum de re diplomatica supplementum*, ou mesmo os recursos aplicados às imagens das pranchas de facsímiles e inscrições de Bond, Thompson e Warner (1884), nos dois primeiros volumes de *The Palaeographical Society*.

Na onda de novas tecnologias, recorda-se da proposta do desenvolvimento da escrita de Jean Mallon, nos anos de 1950, que foi apresentada em 1976, sob forma de cinema, com um filme dirigido por Jean Venard (Frauzauri, 2016). Como exemplo de criação de banco de dados para análises codicológicas quantitativas, pode-se citar Gilissen (1977), que aplicou medidas estatísticas em seu estudo da escrita.

A criação de um índice que permitia o armazenamento e a recuperação de dados documentais de Aquino foi tão bem-sucedida que os mundos das humanidades e da computação estruturaram teorias e métodos transdisciplinares que formaram o que hoje conhecemos por Humanidades Digitais:

“O campo das humanidades digitais não é unificado, mas uma série de práticas convergentes que exploram um universo em que: a) Impressão não é mais um meio exclusivo ou normativo para produzir ou disseminar conhecimentos, em vez disso, a impressão encontra-se absorvida por novas configurações multimídia; e b) ferramentas digitais, técnicas e mídia alteraram a produção e disseminação do conhecimento nas artes, ciências humanas e sociais. As humanidades digitais buscam desempenhar um papel inaugural em relação a um mundo em que, as universidades, que antes atuavam individualmente como produtores, administradores e disseminadores do conhecimento

ACKEL, A. Abordagens digitais para estudos de Paleografia: desafios, atualidade, desdobramentos. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v.7, v.3, set-dez 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/42771/29239>. Acesso em 20 jul. 2023.

cultura, agora são chamadas a transformar seu discurso acadêmico em modelos digitais, para esferas públicas recém emergentes da presente era: o www, a blogosfera, as bibliotecas digitais etc.), para modelar a excelência e a inovação nesses domínios e para facilitar a formação de redes de produção, troca e disseminação que são, ao mesmo tempo, globais e locais.” (Schnapp et al., 2009, p. 01, tradução nossa).

Aumentando o escopo dessas perguntas, Burdick et al. (2012, p. 13) fornecem uma definição mais ampla e inclusiva:

[As Humanidades Digitais] questionam o que significa ser um ser humano na era da informação em rede, que participa na prática de comunidades fluidas, perguntando e respondendo pesquisas que não podem ser reduzidas a um único gênero, meio, disciplina ou instituição. (Burdick et al, 2012, p. 13, tradução nossa).

Segundo Stokes (2015), ainda não está claro como saber se a semelhança identificada pelo computador necessariamente significa produção pelo mesmo escriba, particularmente para casos em que não há nenhuma verdade fundamental para testar os métodos.

Para além de questões metodológicas de reconhecimento ótico de caracteres,¹⁰ proposta já bastante consolidada na literatura (Gupta, Jacobson, garcia, 2006; Choudhar, Rishi, Savita, 2013; Peketi et al, 2021), ao se pensar no termo Paleografia Digital, deve-se conceber, em primeiro lugar, que um computador relaciona valores que lhe são fornecidos por meio de dados e, quando solicitado a processá-los, faz uma combinação para obter um resultado.

REFERÊNCIAS

Painted labyrinth: the world of the Lindisfarne Gospels. The British Library, 2003
London: FRIDRICH, J.; SOUKAL, d.; LUKÁŠ, j. Detection of copy-move forgery in digital images. **CiteSeerX**. Pensylvania State University, 2003, p. 213-222.
Disponível em:

ACKEL, A. Abordagens digitais para estudos de Paleografia: desafios, atualidade, desdobramentos. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v.7, n.3, set-dez 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/42771/29239>. Acesso em 20 jul. 2023.

<<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary?doi=10.1.1.121.1962>>. Acesso em: 10 set 2020.

ACKEL, A. Estudo paleográfico de manuscrito do século xvii. **Revista Todas as Letras**. v. 21, p. 1-23, 2019. Disponível em: São Paulo, <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/12308>>. Acesso em: 22 out 2020.

ACKEL, A. Estudos paleográficos: gênese, evolução e tendências. **Revista Todas as Letras**. São Paulo, v. 23, n. 1, 2021. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/14367>>. Acesso em: 9 nov 2021.

ACKEL, A.; MÓDOLO, M. Leitura e escrita de manuscritos: pena e suporte digitais na prática paleográfica. **Filologia e Linguística Portuguesa**. São Paulo, v. 22, n. 2, p. 233-245, jul./dez. 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/176142>>. Acesso em: 15 fev 2021.